

CARDOSO, Durval Breda. Brasil igual a café. Correio Popular,
Campinas, 19 ago. 1972.

Brasil igual a café

Durval Breda CARDOSO

Abriga hoje Campinas, por iniciativa do seu dinâmico prefeito Orestes Quércia, altas autoridades do Estado e da União que numa conjugação de esforços, na abertura de novas perspectivas, por certo transformaram em sucesso o Segundo Encontro Regional de Cafeicultores.

Volta assim Campinas às suas origens, à sua condição pioneira de liderança no estímulo à cultura cafeeira, agora na sua fase de replantio e renovação, cerrando fileiras ao apelo do governador do Estado, no seu brado de alerta contra a insidiosa política de erros e omissões responsável pela gradativa extinção dos nossos cafezais.

Voltam-se pois as autoridades brasileiras, contra os improvisados ou superesclarecidos, que felizmente a Revolução arredou das cúpulas administrativas, e que obedecendo a evidentes esquemas anti-nacionais, numa fingida ignorância da nossa história econômica, mostrando-se aparvalhados de entusiasmo euforia ante o nosso vitorioso surto industrial, passaram a investir contra a lavoura cafeeira, procurando eternizar o confisco, uma medida de emergência, promovendo por fim, sob melifluos pretextos, a sua erradicação.

O apregoar dessa política destrutiva em relação ao café, adquiriu diversificadas nuances, desde o atribuir ao nosso principal produto de exportação a culpa dos desniveis e desajustes econômicos nacionais, até a afirmação maliciosa de que o País, já agora, não mais carecia das divisas carregadas pelo café, receita que seria inteiramente substituída pelo rendimento dos nossos manufaturados industriais.

Dessa forma, estimulados pela omissão dos que deveriam desmentir tais absurdos, uma legião de detratores, abusados, ignorantes, travestidos de conhecedores da nossa problemática econômica, passaram a desconsiderar o café na sua importância e a silenciar sobre o absurdo do Brasil abrir mão, abandonar sem luta, uma fonte de riqueza, de divisas, de moeda-forte, que durante decênios à base de mais de dois bilhões de dólares anuais, foi por assim dizer, a sua única fonte de receita para as transações internacionais.

A história do café — a sua extraordinária magia — está ligada a Campinas desde o alvorecer do século dezanove. Segundo o eminente historiador Comendador Teodoro de Souza Campos, no ano de 1.808, precisamente na época em que o Rei D. João VI, tangido pelas contingências da invasão napoleônica deixava Portugal e chegava ao Brasil, revogando leis retrogradadas, abrindo os nossos portos ao comércio internacional e, de maneira indireta, promovendo a nossa independência ao nos proclamar Cabeça de Reino, o major Antonio Francisco de Andrade, exibida na sua casa da cidade, na esquina formada pelas atuais ruas Barreto Leme e Av. Francisco Glicério, as cerejas vindas do "cafezeiro" da sua chácara, que era como então se chamavam os cafezais.

De tal maneira se desenvolveu a cultura cafeeira entre nós que segundo o eminente historiador já desaparecido, Leopoldo do Amaral, o produto dos nossos cafezais com a denominação de "Café-Campinas"

ganhou fama na França, precursora na comercialização internacional do café — esse renome quanto ao café produzido em Campinas deveu-se principalmente a Primeira Associação de Fazendeiros que existiu no País, o "Clube da Lavoura", que ao ensejo da Exposição de Paris em 1.878, diante do desinteresse do governo em tomar parte na mesma, organizou por sua conta, um mostruário de 2.184 sacas de café, produtos de 47 fazendas dos Municípios de Campinas, Amparo, Araras, Bananal, Bragança, Capivari, Casa Branca, Pinhal, Itatiba, Jundiá, Mogi-Mirim, Tietê, Piracicaba e São Carlos, que fizeram grande sucesso naquela mostra e constituíram a rigor, no velho mundo, por iniciativa de Joaquim Bonifácio do Amaral — o Visconde de Indaiatuba — Presidente do Clube, a vanguarda da exportação organização que iria trazer ao Brasil tanto prestígio e riqueza.

Campinas, graças ao café, tornou-se então, desde aqueles recuados tempos, um extraordinário centro de civilização e desenvolvimento cultural pois a rubiácea, ao contrário de outras monoculturas — a cana por exemplo — se constitui em algo que extravagantemente poderíamos classificar como uma "planta-social", que forma pólos desenvolvimentistas, irradia progresso e no caso de São Paulo, foi a mola propulsora que produziu a penetração ferroviária da Mogiana, da Paulista, da Araraquarense, da Sorocabana, reavivou e fortaleceu o pioneirismo paulista do século dezanove, plantando cidades mágicas como: Marília, Lins, Pirajui, Araçatuba e por indução, na trilha avançada do Exército Cafeeiro, partindo de Ourinhos, Londrina e a cidade-mulher, batizada pela melancolia de uma canção de amor: Maringá!

Muito mais poderíamos discorrer sobre o café, desde o dia em que as mãos de fada da senhora do Governador da Guyana, presenteou a Joaquim de Mello Palheta um punhado de sementes, sem saber que, com a sua galanteria, estava lançando as bases estruturais da maior nação latina do Mundo.

Com o café — com o ouro advindo da sua comercialização internacional — abarrotamos as áreas vazias do primeiro Império, na Independência. Seguidamente, com o ouro do café, pagamos as nossas dívidas contraídas na emergência das guerras, na Cisplatina e no Paraguai, adquirimos uma esquadra poderosa, reorganizamos e equipamos o Exército e, instituímos a administração Executiva e Judiciária em todo o País.

Vamos deixar para traz agora, o colapso da Bolsa novaiorquina e as suas amargas repercussões, os guichês trancados do Banco do Estado em 29, a mediocridade assumindo a direção do País em 30, as montanhas de café, queimando, enegrecendo os céus ao lado dos armazéns reguladores, a decadência das culturas perdidas no mato, as geadas, o corte à machado. Vamos deixar para traz a idade-média do café, e falar de seu renascimento. Vamos falar de Laudo Natel.

Moço de São Manuel, formado na dura



Universidade da vida, Laudo Natel cresceu e tornou-se bancário em Pirajui, entre os areiais ardentes da Noroeste, no seio do maior acervo cafeeiro do mundo.

Quando, pela estrada reta do Valor e da dignidade chegou a chefia do governo paulista, pensou na oportunidade que o destino lhe oferecia de prestar, entre outros, mais um grande serviço ao Brasil! A renovação da cultura cafeeira!

Foi ao Professor Delfin Netto, a competência que deu a Economia Brasileira o prestígio, a aurea mística do "milagre" e, contando com o seu entusiasmo apóio, foram ao Presidente Emilio Garrastazu Médici — um homem sério, culto, esclarecido, que a generosidade do nosso destino colocou à frente dos destinos do Brasil.

—: O Brasil, senhor Presidente, teria dito Laudo, está a caminho da vergonhosa condição de importador de Café. A nossa produção anual que já estava reduzida a 26 milhões de sacas, baixou agora para 19 milhões. Como o consumo interno, sem estímulos propagandísticos, já absorve quase 9 milhões e a nossa exportação está aí pela casa dos 18 e meio milhões de sacas... Nessa altura da conversa Médici a interrompeu e prosseguiu desenvolvendo a Tese, ao governador até concluí-la, dando mostras de detalhados conhecimentos que deixaram espantados e entusiasmados a Laudo e a Delfin.

Depois desse memorável encontro, todo o esquema administrativo da Revolução, deu início à cooperação para renovar a lavoura cafeeira. Em São Paulo, Laudo Natel, contando com a cooperação inteligente de Rubens de Araujo Dias, passou a uma intensa pregação e, em todas as oportunidades, proclamava a palavra de Ordem: Plantar Café!

A Secretaria da Agricultura, o Instituto Agronômico, com a sua incomparável legião de pesquisadores, de professores competentes entre os mais competentes, estão dando o respaldo científico de que carecem os lavradores, a caminho das novas conquistas, do novo plantio. Sementes são selecionadas, variedades resistentes à Ferrugem são testadas, toda uma gama de equipamentos, pulverizadores mecânicos, manuais e até a pulverização aérea são estudadas. Fungicidas são experimentados, testadas a sua compatibilidade e a sua correlação com fertilizantes, enfim todo um gigantesco esforço que sem dúvida há de conter os elementos negativos em limites razoáveis, possibilitando a nova cultura, a rentabilidade competitiva internacional.

Em contra partida, o Café readquiriu o seu prestígio nos altos escalões da República. Colocado no índice das prioridades pelo chefe da Nação, o seu principal problema interno — o Confisco — já foi reduzido e o Professor Delfin Netto, está estudando um esquema da sua supressão gradual, uma especie de Lei do

Ventre Livre para os cafezais que agora vão nascer, e que não mais receberão ao que tudo se afirma, a herança maldita daquela tributação. Ainda no terreno da comercialização internacional vale registrar aqui, a extraordinária proposta do Brasil, em Londres, onde o dinâmico presidente do I.B.C. Carlos Alberto de Andrade Pinto, propôs a criação de uma firma multinacional e que reunindo elementos produtores da Africa e da América Latina, unidos, poderão, com mais força e prestígio defender interesses comuns.

Um dos principais fatores no sucesso da campanha empreendida pelo governador do Estado para a renovação da Lavoura Cafeeira, tem sido o apóio financeiro do Banco do Brasil e do Banco do Estado que no caso, tem agido com uma presteza revolucionaria, sem os entraves burocráticos, o favoritismo e o condicionamento político que no passado presidiam a transações dessa natureza.

Como resposta positiva ao apelo do Sr. Laudo Natel em julho passado quando da Reunião do Conselho Agrícola, ocasião em que foram registrados pedidos de financiamento para o plantio de 18 milhões de cafeeiros, declarou ontem o Secretario da Agricultura, Rubens de Araujo Dias a este jornalista que a Coordenadoria da Assistencia Técnica Integral daquela Pasta, depois daquela data, recebeu novas solicitações de financiamentos para mais 15 milhões de novos cafeeiros o que eleva o total a ser financiado para 33 milhões de pés. Dê-se total, a Divisão Regional de Ribeirão Preto detem o primeiro lugar com um pedido de financiamento de 16 milhões e 500 mil pés com mais de 3 milhões e 500 mil pés já contratados, seguindo-se a Regional de Bauru com 7 milhões e 700 mil pés com córca de 5 milhões de pés já contratados e depois, em ordem decrescente, as Regionais de Campinas, Sorocaba, Presidente Prudente, São José do Rio Preto e Araçatuba.

Vamos deter por aqui as nossas considerações sobre o problema do Café. Paramos com a ansiedade ditada pela carência de espaço e com a frustrada impressão de quem não conseguiu traduzir em palavras um terço do que deveria ser dito.

Uma das coisas que procuramos afirmar, é que, no caso do Brasil, a atividade cafeeira não é antagônica a atividade industrial, pois a segunda só encontrou campo para vicejar, graças a infraestrutura economica da primeira. O cultivo do Café, não é uma atividade agrícola comum. Trata-se de um privilégio que nos foi concedido pela natureza em razão de certas peculiaridades climáticas. Esperemos pois, que a Industria e a Cafeicultura, como de resto todas as atividades positivas em todos os quadrantes da Pátria comum, se unam e se conjuguem num poderoso esforço em prol da grandeza e da prosperidade do Brasil.